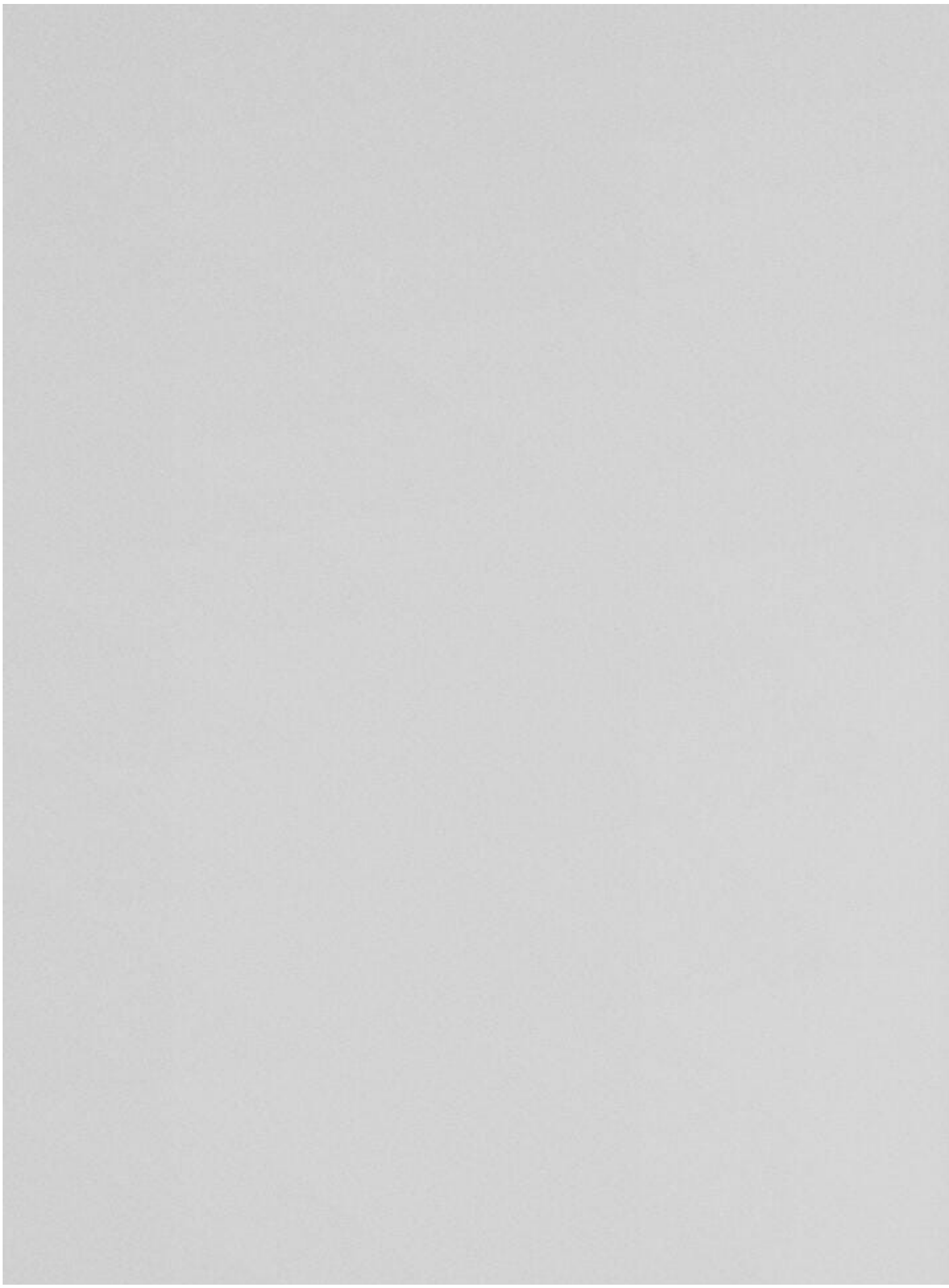
Dando sequência natural ao **Capítulo 1 (Budismo)**, avançamos agora para o polo complementar: **não a desmontagem do eu, mas o fundamento do que permanece quando o eu não é mais o centro**.

Capítulo 2

Vedanta: a consciência como fundamento do real

M-135

शरीरं



Se o budismo começa perguntando *por que sofremos*, o Vedanta começa perguntando algo ainda mais radical: **o que é real quando tudo o que muda é descartado?**

Aqui, o movimento não é de desconstrução psicológica, mas de **investigação ontológica**. O Vedanta não se satisfaz em observar os processos da mente; ele busca o **substrato que torna qualquer experiência possível**.

A pergunta fundamental

As tradições vedânticas, consolidadas nos Upanishads, partem de uma distinção simples:

- Tudo o que muda não pode ser o absoluto.
- Tudo o que depende de algo não pode ser a causa última.
- Tudo o que é observado não pode ser o observador final.

A investigação segue até o ponto onde **nenhuma regressão é possível**.

O nome dado a esse ponto é **Brahman**.

Brahman: não um deus, mas o absoluto

Brahman não é uma divindade pessoal, nem um criador antropomórfico. Ele não pensa, não decide, não intervém. Brahman é definido negativamente:

- não nasce,
- não morre,
- não muda,
- não depende.

Ele é descrito como **sat–chit–ananda**: existência, consciência e plenitude.

Importante: isso não significa que Brahman *possui* consciência.
Significa que **consciência é a própria natureza do real**.

Atman: o erro e a revelação

A afirmação mais conhecida do Vedanta é também a mais perturbadora:

> **Atman é Brahman.**

Atman, aquilo que cada indivíduo chama de “eu mais íntimo”, não é uma alma separada habitando um corpo. Ele é **a mesma consciência universal**, percebida localmente.

O erro fundamental do ser humano não é moral. É **cognitivo**: confundir o corpo, a mente e a história pessoal com a identidade última.

O Vedanta não destrói o “eu” como o budismo faz. Ele o **reposiciona**.

Maya: o mundo não é falso, é mal interpretado

A noção de **Māyā** costuma ser mal compreendida. Ela não afirma que o mundo é ilusório no sentido de inexistente. O mundo é **relativamente real**, mas não absolutamente real.

Māyā é o poder de apresentação da realidade — aquilo que faz o Uno parecer múltiplo, o imóvel parecer dinâmico, o infinito parecer fragmentado.

O problema não é o mundo.
O problema é tomar o fenômeno pelo fundamento.

Conhecimento como libertação

No Vedanta, a libertação (*moksha*) não ocorre por esforço moral, ritual ou ascese extrema. Ela ocorre por **conhecimento direto** (*jnana*).

Não se trata de acumular informações, mas de **reconhecer** aquilo que sempre esteve presente. Nada é criado. Nada é alcançado. Algo é visto com clareza.

A libertação é descrita como o fim da ignorância, não como a conquista de um estado especial.

Vedanta e o silêncio do eu

Aqui surge um contraste sutil com o budismo:

- O budismo silencia o eu mostrando que ele é um processo.
- O Vedanta silencia o eu mostrando que ele nunca foi separado.

O efeito prático pode ser semelhante, mas o **mapa filosófico é diferente**.

Onde o budismo evita afirmações ontológicas finais, o Vedanta as assume sem hesitação.

O lugar do Vedanta neste livro

Neste livro, o Vedanta cumpre uma função clara: **oferecer um fundamento**. Depois que o budismo desmonta o apego à identidade, surge um vazio conceitual inevitável. O Vedanta responde a esse vazio afirmando que **a consciência não desaparece com o ego — ela se revela**.

Não como propriedade do indivíduo, mas como **base do real**.

Ao final deste capítulo, a pergunta muda novamente:

> **Se a realidade é consciência, por que ela se manifesta como mudança, fluxo e instabilidade?**

Essa pergunta nos conduz ao próximo capítulo.

Capítulo 3 — Taoísmo: o caminho que não pode ser controlado.